

REVISTA "A Violeta". Ano 26, nº 298. Cuiabá, 31 de julho de 1943.

A VIOLETA

Orgão do Grêmio Literário «JÚLIA LOPES»

REDAÇÃO — Rua Barão de Melgaço n. 34 — CUIABÁ

PUBLICAÇÃO MENSAL — Diretora Maria Dimpina

ANO XXVI

Cuiabá, 31 de Julho de 1943

N. 298

CRÔNICA

Ha mais de cinco lustros que fundamos a «A Violeta».

Escolhi para tema de meu primeiro artigo, então, *A Educação da Mulher*.

Timidamente iniciava a minha atividade jornalística quando ouvi, de viva voz, a primeira crítica, sincera e justa: "do seu artigo, professora, o título foi maior que o desenvolvimento! Quantas idéas poderia expôr a Snra!..."

As palavras francas e leais do Professor Nilo Póvoas serviram-me de estímulo, determinaram o rumo que eu devia seguir.

Já se vai tornando longo o tempo em que «A Violeta» cumpre a sua missão, tempo em que continuo colaborando e, sem esmorecimentos, batendo sempre sôbre a mesma tecla:—a educação da mulher.

Todas as vezes que escrevo sôbre este assunto, tiro sempre a mesma conclusão: o Professor Nilo está com a razão. o tema continúa bem maior que o seu desenvolvimento!

Hoje, porem, não me seria difícil falar sôbre êste assunto.

Venho de assistir a uma reunião da Legião Brasileira de Assistência, nobre Exército que se estende do Amazonas ao Prata, criado pelo espírito altivo e empreendedor de D. Darci Vargas, e que neste Estado prospera à voz de comando e aos impulsos do trabalho eficaz de D. Maria Müller a quem sobram capacidades intellectivas e de espírito empreendedor para o desenvolvimento das atividades da Legião em nosso Estado.

Essa útil agremiação vem prestando ótimos serviços numa demonstração cabal de que a atuação da mulher e a sua educação continuam sendo a base primordial, o alicerce em que se assentam as sociedades dístas.

Aos influxos da mulher inteligente e sensata quantas e quão boníssimas obras surgem e prosperam engrandecendo os povos e elevando as Nações!

Tal a Legião nesta Capital!

Ao lado de D. Maria Müller, as legionárias desenvolvem uma atividade de tal natureza que podemos afirmar que seu programa de ação é uma como sementeira em terra própria na estação propícia.

A Legião tende a melhorar os nossos costumes, a preparar-nos um ambiente melhor, a auxiliar a obra governamental naquilo que se refere à educação do povo.

E' êste o papel da mulher na grande reforma social.

E' este o seu campo de acção—tornar-se heroína contribuindo para a grandeza de uma Pátria grande e invicta.

Entre os planos de atividade das legionárias figura a assistência coletiva e individual aos necessitados sob diversos aspectos: distribuição gratuita de uma sopa escolar, assistência hospitalar a crianças doentes e etc. e etc.

Eu, que venho, como disse de início, repetindo sempre a necessidade da fundação de uma escola doméstica feminina nesta Capital, não pude deixar de felicitar-me quando pela palavra de D. Maria Müller, foi ventilado o assunto sôbre a égide da Legião.

E, como é fazendo que se aprende a fazer e trabalhando que se aprende a trabalhar, alimenta-me a esperança de ver iniciada em breve a educação doméstica da mulher; de assistir, satisfeita, a germinação da planta cuja semente venho lançando sôbre pedregulhos, em terrenos áridos, no meio de espinhos, mas que, agora, graças à Legião poderá contar com um terreno propício para seu desenvolvimento.

O difícil é o início. Vencida a primeira barreira veremos como a nossa situação atual modificar-se-á pela base no que diz respeito aos serviços profissionais femininos.

Primeiramente cumpre-nos formar o ambiente e para formá-lo dois problemas se nos apresentam: a escola doméstica e o preparo de domésticas.

O primeiro refere-se à dona de casa, rica ou pobre, a quem devem ser dados conhecimentos teóricos e práticos de enfermagem, culinária, puericultura, tudo, enfim, que fôr preciso para que ela faça do lar o ambiente feliz sob sua direção eficaz.

O segundo, é o preparo de domésticas para os serviços jornalheiros.

Se para o primeiro ha necessidade incontestável de uma instalação despendiosa, o preparo de domésticas se liga de tal forma ao serviço de assistência escolar e hospitar que êles se completam.

Ensinar o trabalho, é muito mais louvável que êssa outra caridade que leva o necessitado a pedir e receber como se fosse uma esmola humilhante.

Ha pouco desejei que para impedir a vadiagem perniciosa que aumenta o número de doentes e de mulheres infelizes, mister seria que apparecesse para amparar essa mocidade um São Vicente de Paula.

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

Formulário Ortográfico

O formulário ortográfico, mandado adotar pelo decreto-lei número 5.186, de 13 de janeiro de 1.943, é o seguinte:

FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO

Consoantes mudas

I—Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que nela se não pronuncie.

Assim, escreve-se-á: *autor, sinal, adesão aluno, salmo e não: auctor, signal, adhesão, alumno, psalmo*; mas nenhuma alteração se fará na grafia das palavras—*abdicar, acne, gnomo, recepção, caracteres, optar, egípcio, egípciano, egíptólogo, espectador, expectativa*.

A Legião apresentou pela palavra de sua Presidente, a maneira de iniciar êsse amparo!

A princípio, talvez seja difícil conseguir a compreensão popular de que é bem melhor o trabalho honesto que a ociosidade perniciososa. Mas, que nos importam estas dificuldades?!

Glória é vencer lutando corajosamente.

E ainda uma vez o trabalho constante tudo vencerá!

Se fôr preciso obrigar ao trabalho essas moças que sobram pelas praças e ruas, desocupadas ou mesmo abandonadas, obriguemo-las!

A experiência demonstrará em pouco tempo o acerto do método preventido, tão preconizado pelo grande educador D. Bosco.

E' esta, minhas senhoras, a maneira única de se pôr fim na crise de mulheres para serviços domésticos; é este, pais e mãis de família, o remédio para a salvação dessas moças que constituem para vós mesmos um trabalho insano de educação, vós que vos demorais longe do lar, ocupados em vossos afazeres cotidianos; são estas as moças que poderão mais tarde servir de companheira dedicada e laboriosa, que vos dará a felicidade no lar, vós que pretendes uma esposa.

Se eu colher este fruto da minha atuação jornalística que se não tem o merito da inteligência prima-se pela perseverança, contente poderei dizer que também tive a felicidade de contribuir para a grandeza de minha terra.

Marla Dimplina

mncmônica e outras em que as letras *bd, cn, gn, pç, ct, pt, pc, mn,* soam separada e distintamente.

Letras dobradas

II—Não se duplicará nenhuma consoante.

Assim, escrever-se á: *sábado, acusar, adido, efeito, sugerir, belo, chama, pano aparecer, atitude, e não sabbado, accusar, addido, effei:õ, suggerir, bello, chamma, panno, apparecer, attitude.*

Execetuum-se :

a) as letras *r, s,* que se duplicam, por força da pronúnciação : *barro, carro farra, cassa, passo, russo...*

b) o grupo *cc* quando os *cc* soarem distintamente: *secção—seccional—seccionar, infecção—infecionar—infecioso, succção ..*

c) as letras *r* e *s* ainda se duplicam, se a pronúncia o exige, isto é, quando a vocábulos que comecem por uma destas letras se antepõe prefix) terminado em vogal: *prorrogar prerrogativa, prorromper, arrasar (de raso), assegurar (de seguro), pres-sentir...*

Emprêgo do h inicial, médio e final

III—É mantido o *h*:

a) quando inicial de palavras que ainda o cor servam de acôrdo com a etimologia: *hoje, homem, hora, honorário...*

b) nos vocábulos compostos com prefixo, quando existir na língua, como palavra autônoma, o último elemento—*deshabitar, deshonra, deshumano inhumano, rehaver...*

c) como sinal diacrítico nas combinações *ch, lh, nh,* com os valores que as seguintes palavras exemplificam—*chave, chapéu, malha, velho, lenho, manha...*

d) como sinal de interjeição--*ah! oh!*

IV—É proscrito o *h*:

a) quando figurar no meio das palavras, com exceção dos casos acima indicados—*sair, compreender, coorte, cair, exumar, proibir e não comprehend, cohorte, cahir, exhumar, prohibir;*

b) das formas pronominais do futuro e condicional dos verbos.—*dever-se-á, escrever-se-á, dir-se-ia, ter-se-ia, e não dever-se-há, dir-se-hia etc.;*

c) quando figurar no fim das palavras—*Jeová, rajá* e não *Jehovah rajah.*

O grupo *sc* inicial

V—É eliminada o *s* do grupo *sc* inicial—*ciência, cena, centro, cetico cisão, centelha, cintilar, ciático;* e *cc* erentemente dos compostos em que entrem esses vocábulos—*precientífico, preciência etc.*

(Continúa no próximo número.)

AVE MARIA

(Uma prece)

Padre Antonio Wasik

Senhora!

A arte, que é uma grande consoladora, que purifica e eleva a nossa alma, que estreita os vínculos sociais e nos faz esquecer as agruras desta vida; a arte, essa filha do céu, quer ela se aninhe na expressão patética dum escultor, quer reluz na tela dum colorista, quer va soar na gama do músico, ou na meiga expressão dum poeta, essa arte divina, Vos exaltou e celebrizou ó Maria!

O vosso culto, Senhora, qual arco-iris da nova aliança, uniu o céu com a terra! O vosso culto, Senhora, irresistível e atraente, como o cândido lírio dos vales, floriu na arte cristã perfumou o vasto ambiente dos séculos.

O Evangelista, S. Lucas, que vos conheceu em vida, perpetuou os vossos traços no quadro que se conserva há séculos no Santuário de Czenstochowa, na heroica Polónia. Desta forma, S. Lucas preconizou a arte cristã de Madona. Os deuses do paganismo, mesmo as criações de Fidias ou de Apeles, fixações efêmeras duma mente exaltada, eram duros como o aço e frios como o mármore.

Mas, o génio da arte cristã, encarnou a vossa realidade, vossa graça sem par, vossa beleza, ó Maria! E as obras primas de Miguel Angelo, Rafael e Murillo nos falam com eloquência, nos conquistam, encantam e convencem.

Em Nazaré, contemplamos a vossa humildade; junto á cruz; a vossa caridade, e na tela de Murilo; a vossa imaculada e virginal beleza. As rosas que antes se adorava no monte Idallium, cingiram os vossos pés na gruta de Massabielle e a lingua humana vos chamou: Rosa Mistica e Rosa de Jericó. A música, ó Maria, que estava a serviço de orgias, bacanaes e degradações pagãs, enobrecida sob os dedos de David, o inspirado poeta e músico, purificada e enlatecida pelo estro cristão, sou desde a cripta das Catacumbas até

Continua na página 14.

NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Albano Lopes de Almeida

30-5-34

Emersos, à luz da vida, da mesma fonte maravilhosa de beleza e de verdade, e tão copiosa que nem a morte conseguiu exaurir. Afonso e eu nada mais somos que duas expressões paralelas e semelhantes, do mesmo fecundo amor, do mesmo límpido e luminoso espírito. Eis porque neste dia em que a Academia Carioca de Letras presta à individualidade literária de Júlia Lopes de Almeida tão reverente homenagem de admiração e respeito, eu, na ausência forçada do meu irmão, me sinto aqui como em minha própria casa, íntima e seguramente convencido de que a falta da voz fraterna, a minha voz não soará com acento estranho e insólito, neste ambiente que, pelo coração, é meu também.

Venho trazer vos uma corôa de rimas para D. Júlia Lopes de Almeida. Trago-a. Quem, porém, vai falar-vos hoje não sou eu, mas o próprio companheiro vosso, que da minha voz se serve.

Nada mais farei, com efeito que recitar-vos alguns dos sonetos por êle escritos, à sua, à minha Mestra, à sua, à minha Mãe. Se meu intuito não fosse o de proporcionar-vos alguns momentos de exaltação alta e de funda comoção poética e sim o de tentar fixar ante os vossos olhos, que tão bem sabem ver tais coisas, a personalidade da grande prosadora patricia, nada mais teria a fazer, também, que reler-vos os trechos capitais do discurso com que o próprio Afonso a vós se dirigiu, ao ser recebido nesta casa, em memorável noite.

Nesse discurso, ao que posso julgar, a obra polimorfa de D. Júlia Lopes de Almeida foi tão aguda, clara e peregrinamente exposta e examinada pelo vosso confrade que, sempre ao que posso julgar, nenhum estudo crítico, sincero e sábio se poderá fazer, doravante, do trabalho da insigne autora de Falência, e do Cruel Amor, que não tenha por molde, que não tenha por base, a oração acadêmica de seu filho e discípulo capaz ».

Neste século famélico de bens e de espaços vitais, em que só as bocas dos cofres e dos canhões podem falar alto e bom som, meu irmão Afonso é tão íntegra e extemporaneamente poeta que se não contenta em fazer versos: faz poemas!

No seu retiro de Passa Quatro, em Minas, para onde, por íntimos ressentimentos de alma sensível voluntariamente se exilou, Afonso, em três anos compôs três poemas.

Quanto ao terceiro poema é amor de outra classe e de outra inspiração.

A ele pertencem os versos que vos vou ler. Chama-se Mãe. E este nome diz tudo. O amor que a obra traduz e exprime, já não é como no primeiro o amor do homem pela companheira eleita, e ainda menos, como no segundo, o passageiro, o superficial, esvoaçante amor que por algum tempo atrai e diverte dois seres de inclinações e índole diversas que só as circunstâncias e o físico desejo aproximaram e uniram sem entretanto integrá-los, nem fundi-los num sentimento moral comum. Nesta terceira obra o amor se alcandora, religiosamente, até a exaltação mística

Já passou em julgado que o amor materno é o maior, e mais completo, mais perfeito de todos os amores. E assim é. Mas se algum outro há que pela exaltação, pela suprema pureza, pelo afinamento e refinamento da alma humana se lhe possa comparar, é este o amor de filho. E vós sabeis já, portanto, que a musa de Afonso neste terceiro poema é a mesma que se cultua hoje nesta casa, a mesma que neste momento me faz vibrar a voz de comoção, nesta sala, intumescer-se-me o coração no peito, em onda grossa de lágrimas, pois que não há amor sem sofrimento, sobretudo quanto se exprime em saudade.»

* * *

Trechos de discurso proferido por Albano Lopes de Almeida substituindo Afonso Lopes de Almeida, ausente, ocupante da cadeira patrocínada por D. Júlia Lopes de Almeida na Academia Carioca de Letras, em sessão dedicada à distinta escritora em homenagem póstuma.

MÃI

Afonso Lopes de Almeida

O amor em que ardo, num deslumbramento
e a cuja luz, de essência tão subida,
cabe o Espaço num ponto e num momento,
é toda a Eternidade resumida.

Êste amor em que rolam de vencida
mundos e sóis no eterno movimento,
que é mais que sangue e carne em trega vida,
é sonho, é comoção, é pensamento.

Êste amor sempiterno em que me exalto
e a alma, arroubada, me conduz tão alto
que o fim dos fins alcança, atinge enfim.

Êste amor que palpita no meu verso,
marcando o ritmo à vida no Universo,
ainda é muito menor que o teu por mim.

COVARDIA

Helena Kolody

Meus olhos perscrutaram a extensão desco-
[nhecida
Da senda acidentada e inquietadora da vida:
Era tão estranha, tão sinuosa, tão comprida
A estrada da vida!

Meus pés sentiram um medo misterioso
De palmilhar o mais antigo dos caminhos:
Medo do pó, medo das pedras, medo dos
[espinhos
Receio daquelas sombras estranhas
Que subiam dos abismos e desciam das mon-
[tanhas

Covarde, circundei minh'alma de penumbra.
Não percebi o azul do céu, a luz do dia,
Não escutei a extraordinária sinfonia
Em que se confundiam gritos e risadas
Num crescendo triunfal que eccava na am-
[plidão,
Ia «smorzando» até o pianíssimo das queixas,
Ou estacava, de pronto, em pausas de emoção.

Encontrei mãos que se estederam, tão amigas,
oferecendo amparo certo na jornada,
Eu porem, não confiei no auxílio de outra
mão.

E fiquei isolada, e fiquei esquecida
A' margem do caminho agitado da vida.

«Paisagem Interior».

EM AZUL

Alzira Freitas Taques

Azul é o céu nas tardes transparentes
Azuis do rio as ondas fugidias
essa névoa que encobre as serranias
pelas horas do ocaso, horas morrentes...

Azuis são as quiméras persistentes
com que iludir tentamos nossos dias...
Azul o mal que gera nostalgias
iguais, às de Quental, nas almas doentes...

Azul é o sonho virgem das creanças,
O perpassar da brisa pelas franças,
reminiscências mil de tempos findos...

Azuis são os silêncios do abandono...
A crueldade lírica do outono...
— Azul é o brilho de teus olhos lindos!...

Ⓞ que não passa

Jônathas Serrano

O ouro ofuscou-me os olhos. Procurei-o
Crendo que enfim o coração saciára.
Com ele apenas nova dor me veio:
A áurea poeira os dedos me crestara.

Busquei da Glória repousar no seio.
Noite de insônia, aquela que eu pensara
De encanto e de prazer. Mágua e receio
A receios e máguas ajuntára.

E vendo tudo que julgara fixo
Vacilar, e desfeitos em fumaça
Ouro, fama, prazeres e ilusão,

Ouví, então, a voz do Crucifixo:
—Ama-me. Eu sou Aquele que não passa,
Eu sou Misericórdia, eu sou Perdão.

ETERNO VELHO TEMA

(A Benilde Moura,
que escreveu "Compreensão")

A existência de Deus—eterno velho tema
do entendimento, da fé, do coração, do ser,
desse impulso orgulhoso—a vontade suprema,
a vontade invencível de ser grande
e o impulso incognoscível de sofrer.

A existência de Deus:
a verdade eviterna para os crentes
a verdade suprema dos ateus.

O impulso para o alto e a vertigem que aterra.
O desejo inconfessado de ser águia
e o desejo secreto de ser verme e espojar-se na terra.
A vibração de ser, de crer em tudo
e a idéia impossível do não ser.

O orgulho de ser uma imagem de Deus—uma sombra divina
e o terror de ser pó—um átomo, um nada,
um mundo em vibrações
cumprindo pelo tempo irrevogável sina
no microcosmo humano que é certeza e incerteza,
vontade, impulso, instinto, sentimento,
inspiração, abstração e nada.

Crer na morte que é certa, crer na vida, no ser,
e chamar à morte realidade incerta
e à vida uma ilusão irrealizada.

A existência de Deus—esta certeza
que se traduz num mundo de contrastes
a refletir-se no mundo de incerteza
de nosso humano ser.

A existência de Deus—a grande humilhação
e a grande, imensa, suprema vaidade,
dentro de mim, irmã, dentro de ti,
no coração de toda a Humanidade.

Goiânia, maio de 1.943.

Domingos Felix de Souza.

SALVE CHLORIS !

(Mary Camargo)

Sob o encanto gentil da azúlea esfera,
Aos primeiros albores matinais,
Festivais anunciando a Primavera,
Aves gorgeliam próximo aos beirais.

Ao embalar de dúlcida quiméra
Vibra nossa alma em gozos divinais.
Tambem, de novo, com vigor se opera
A amada florescência dos rosais...

Tudo palpita em cálido prazer,
E um frémito de jubilo perpassa,
Vindo dêsse radioso amanhecer.

Profusa irradiação de luz e côr
Essa, que vem marcar, com viva graça,
Um reinado feliz de paz e amor!

AVE-MARIA

— Continuação da página 5 —

às suntuosas basílicas e repercute agora através das abóbadas dos santuários e dos templos cristãos em hinos e louvores à doce Mãe e Virgem. O Stabat Mater de Palestina, os acordos de Mozart e as melodias, de Rossini, consagraram desde início o vosso nome, Senhora! Oh! Eu ouço uma poderosa sinfonia da arte, que através dos séculos se eleva aos céus como um tributo de justa exaltação á vossa adorável palavra, aquele “fiat” de Nazaré, que nos “trouxe”, que nos deu a Jesus, o nosso Redentor!

E os sinos maviosos dos nossos campanários, tres vezes ao dia, participam desta harmonia da arte cristã, tocando sempre a saudosa e comovente “AVE MARIA”.

E os nossos corações nas azas da prece elevam-se ao vosso trono ó Maria e fazem eco a esta música sublime da arte cristã e repetem extasiados Ave! Ave!

Nossa Mãe e nossa Rainha!!!

PREFERÊNCIAS

Depois do almoço as internas vão saindo para o pátio. Duas alunas da 4ª série ginásial, estão sentadas em um banco conversando.

Chama-se uma Isabel e a outra Maria.

Isabel -- “Antes que me esqueça, qual foi mesmo o ponto que a Irmã marcou para geografia?” —

Maria — “Apenas estes. Dunas, Loess e Relevo desértico.” —

Isabel — (com ar de troça): “Tão pouquinho, que quasi te-

mos que passar o estudo todo decorando estes pequenos pontos.” —

Maria — “Que exagero, a professora explicou tão bem, que é só dar uma “olhadela” e já sabemos tudo.” —

Isabel — “Esta é boa! pelo que vejo, a senhorita Maria é uma *fan* numero um da geografia!” —

Maria — “Acertou, aprecio a geografia e não me venha dizer que tenho gosto estragado.” —

Isabel — “Tem mesmo. Imagine, deixar a História da Civil-

zação, materia tão interessante, e preferir a geografia!"—

Maria — "O que?! parece que não escutei direito! você então gosta mais da Historia da Civilização?!"—

Izabel — "Com muita honra participo lhe que a História da Civilização é a minha preferida."—

Maria — "Escute o que contem a sua História: Guerras de democracia, primeira coligação etc etc."—

Izabel — "E... Muito melhores são as minhas guerras e democracia do que oceano Atlantico! oceano Pacífico! quantos são os habitantes de Japão? quantos m³ de água despeja o rio Amazonas? o que sei é que é uma lenga-lenga daquelas!"—

Maria — "Mas também há pontos muito interessantes e..."

Izabel — "Espere, não me diga que a História também não apresenta coisas que prendem a atenção dos alunos durante a explicação, e despertam o patriotismo."—

Maria --- "(com riso irônico) Ah! ah! seria capaz de dar a vida para só ter geogra. ..."

Izabel — "Garanto-lhe que morreria e não havia de ver seu desejo satisfeito."—

Maria — "Olhe estou vendo que este negócio vai dar em briga."—

Izabel — "Ah, está tão bom! e de mais a mais, não tendo eu gênio colérico, podemos continuar. Nossos temperamentos são pacíficos como o Oceano Pacífico."—

Maria — "Vê em que dá não prestar atenção à aula de geografia. A senhorita já plantou uma bela "batata."—

Izabel — "Porque?!"—

Maria — "Dizer que o Oceano Pacífico tem as aguas tranquilas."—

Izabel — "E' bom não ficar inventando coisas" —

Maria — "Mas, então, você não ouviu a mestra dizer que o oceano que tem as aguas mais revoltas é o Pacífico?!"—

Izabel — "Então, esses geógrafos é que o denominaram mal."—

Maria — "Isto não tem importância também na História da Civilização ha muita coisa contraditória: intrigas, crimes, deslealdade, etc etc..."—

Izabel — "Não admito que fale mal da minha História; porque..."—

Maria — "Não é necessário se exaltar! eu apenas estov lhe transmitindo a minha opinião."—

Izabel — "Sabe duma coisa? o melhor é mudarmos de assunto."—

Maria — "Não senhora, quero ver o desfecho final."—

Izabel — "Qual desfecho qual nada (Olhando para o relógio) Faltam apenas quatro minutos para terminar o recreio e não quero absolutamente ir para o estudo sem acabarmos o nosso tão importante julgamento."—

Maria — "(Entre dentes) "Vá esperando que eu dê o braço a torcer. Concordo, que as duas matérias sejam necessários, mas..."—

AVE-MARIA

— Continuação da página 5 —

às suntuosas basílicas e repercute agora através das abóbadas dos santuários e dos templos cristãos em hinos e louvores à doce Mãe e Virgem. O Stabat Mater de Palestina, os acordes de Mozart e as melodias, de Rossini, consagraram desde início o vosso nome, Senhora! Oh! Eu ouço uma poderosa sinfonia da arte, que através dos séculos se eleva aos céus como um tributo de justa exaltação á vossa adorável palavra, aquele "fiat" de Nazaré, que nos "trouxe", que nos deu a Jesus, o nosso Redentor!

E os sinos maviosos dos nossos campanários, tres vezes ao dia, participam desta harmonia da arte cristã, tocando sempre a saudosa e comovente "AVE MARIA".

E os nossos corações nas azas da prece elevam-se ao vosso trono ó Maria e fazem eco a esta música sublime da arte cristã e repetem extasiados Ave! Ave!

Nossa Mãe e nossa Rainha!!!

PREFERÊNCIAS

Depois do almoço as internas vão saindo para o pátio. Duas alunas da 4ª série ginásial, estão sentadas em um banco conversando.

Chama-se uma Isabel e a outra Maria.

Isabel -- "Antes que me esqueça, qual foi mesmo o ponto que a Irmã marcou para geografia?" —

Maria — "Apenas estes. Dunas, Loess e Relevo desértico." —

Isabel — (com ar de troça): "Tão pouquinho, que quasi te-

mos que passar o estudo todo decorando estes pequenos pontos." —

Maria — "Que exagero, a professora explicou tão bem, que é só dar uma "olhadela" e já sabemos tudo." —

Isabel — "Esta é boa! pelo que vejo, a senhorita Maria é uma fan numero um da geografia!" —

Maria — "Acertou, aprecio a geografia e não me venha dizer que tenho gosto estragado." —

Isabel — "Tem mesmo. Imagine, deixar a História da Civili-

zação, materia tão interessante, e preferir a geografia!" —

Maria — "O que?! parece que não escutei direito! você então gosta mais da Historia da Civilização?!" —

Izabel — "Com muita honra participo lhe que a História da Civilização é a minha preferida." —

Maria — "Escute o que contém a sua História: Guerras de democracia, primeira coligação etc etc." —

Izabel — "E... Muito melhores são as minhas guerras e democracia do que oceano Atlantico! oceano Pacífico! quantos são os habitantes de Japão? quantos m³ de água despeja o rio Amazonas? o que sei é que é uma lenga-lenga daquelas!" —

Maria — "Mas também há pontos muito interessantes e..."

Izabel — "Espere, não me diga que a História também não apresenta coisas que prendem a atenção dos alunos durante a explicação, e despertam o patriotismo." —

Maria — "(com riso irônico) Ah! ah! seria capaz de dar a vida para só ter geogra. ..."

Izabel — "Garanto-lhe que morreria e não havia de ver seu desejo satisfeito." —

Maria — "Olhe estou vendo que este negócio vai dar em briga." —

Izabel — "Ah, está tão bom! e de mais a mais, não tendo eu gênio colérico, podemos continuar. Nossos temperamentos são pacíficos como o Oceano Pacífico." —

Maria — "Vê em que dá não prestar atenção à aula de geografia. A senhorita já plantou uma bela "batata." —

Izabel — "Porque?!" —

Maria — "Dizer que o Oceano Pacífico tem as aguas tranquilas." —

Izabel — "E' bom não ficar inventando coisas" —

Maria — "Mas, então, você não ouviu a mestra dizer que o oceano que tem as aguas mais revoltas é o Pacífico?!" —

Izabel — "Então, esses geógrafos é que o denominaram mal." —

Maria — "Isto não tem importância também na História da Civilização ha muita coisa contraditória: intrigas, crimes, deslealdade, etc etc..." —

Izabel — "Não admito que fale mal da minha História; porque..." —

Maria — "Não é necessário se exaltar! eu apenas estou lhe transmitindo a minha opinião." —

Izabel — "Sabe duma coisa? o melhor é mudarmos de assunto." —

Maria — "Não senhora, quero ver o desfecho final." —

Izabel — "Qual desfecho qual nada (Olhando para o relógio) Faltam apenas quatro minutos para terminar o recreio e não quero absolutamente ir para o estudo sem acabarmos o nosso tão importante julgamento." —

Maria — "(Entre dentes) "Vá esperando que eu dê o braço a torcer. Concordo, que as duas matérias sejam necessários, mas..." —

UM SERÃO EM FAMÍLIA

O sino da igrejinha paroquial toca pausadamente, convidando os fieis a rezarem o "Angelus".

O crepusculo desce vagarosamente.

O sol se escondeu, ha uns dez minutos, lançando um adeus lento aos habitantes da terra.

O cor de rosa lindo e mavioso do poente vai se tornando cada vez mais claro, desaparecendo lentamente.

Ao longe o mar sussura e bate contra os rochedos silenciosos.

Numa encosta, vê-se uma casinha branca, com janelinhas vermelhas.

Da casa partem lindos e maviosos acordes de um piano.

Izabel — (Com alegria) Não adianta dizer mais nada, porque tenho felizmente um ouvido muito apurado e escutei o que você disse." —

Maria — "Enfim, não posso voltar atrás, o que disse está dito!" —

Izabel — "Dê me a sua mão, vamos para o salão, e que esta trégua perdure!" —

Justamente nessa mesma hora a Irmã Prefeita tocava o sino para se formar fileira, e entraram as duas, cada qual removendo mais o seu orgulho, de bico bem caladinho...

Petrópolis. Internato do Colégio Santa Catarina, 19/7/42.

Ivonne de Barros Machado.

Na sala de estar, um senhor de idade lê em voz baixa. Está sentado confortavelmente em uma cadeira de balanço.

Nos seus olhos, lê-se um caráter nobre, de homem trabalhador e bem intencionado.

Em seus lábios brinca um sorriso amigo.

Ao seu lado, está na matrona bem simpática, que tem nas mãos, agéis, uma blusinha de tricô, apenas começada.

E' uma senhora de olhos azuis e cabelos castanhos já um tanto esbranquiçados.

Seu caráter é destimido e ela mostra que vive para Deus, para seus filhos e seu marido, aos quais tanto ama.

Ao piano esta sentada uma mocinha de seus 18 anos. Toca suavemente uma valsa de Strauss.

Sua tez é morena, olhos azuis e cabelos louros.

No chão, sentadas no tapete, estão duas creanças louras, encantadoras.

Brincam alegremente com um gatinho negro. Este salta e pula procurando alcançar uma bola, que uma delas jogara no ar.

Perto da lareira, que está apagada, dorme um cão, de raça policial; tem o pêlo marron e as orelhas levantadas, atentas ao menor ruido.

Assim, esta pequena família reunida espera ansiosa a palavra de seu chefe.

Após alguns instantes de silêncio o pai de família exclamou:

NOTICIÁRIO

Major Dr. Felinto Müller

Nem só Cuiabá, não apenas Mato-Grosso. O Brasil todo retribui-se quando ha occasião de prestar homenagem ao Major Felinto Müller.

Portador de uma fé de officio que o honra e distingue, Dr. Felinto Müller dignifica a Pátria pelo muito que tem feito por ella.

Nas fileiras do Exército ou como Chefe de Policia do Dis-

ma — Coisa interessante é o Português!

Houve exclamações e reboliços e cada um cometa, pae, mãe e a filha mais velha que expõe do melhor possivel as suas ideias sobre o idioma pátrio, que o pai defende calorosamente.

A mocinha faz um gesto de contrariedade e diz: — Não acho.

Uma hora, uma palavra leva acento, pouco depois não leva...

Detesto o Português!

Não diga isto, minha filha, é a lingua do seu pai, da terra abençoada que viu e foi testemunha dos atos dos seus antepassados.

A mocinha ouvindo com atenção as palavras do pai, arrependida, pede desculpa e diz:

— Sim, papae, o seuhor tem razão!

De hoje em diante, procurarei melhor defender e amar a

trito Federal, foi sempre o soldado valoroso da Pátria.

Dois foram os motivos pelos quais os bons brasileiros, jubilos, prestaram ao brioso militar homenagens dignas e justas no decurso d'este mês.

Sua nomeação para Presidente do Conselho Nacional, do Trabalho.

A data de seu natalicio a 11 do corrente

Major Felinto não é só o intelligente e operoso matogrossense distinguindo-se pelos seus trabalhos em pró da Pátria. A estas nobres qualidades alia-se a sua reconhecida benemerência amparando e guiando a mocidade para um destino digno de bons cidadãos: trabalho e cultura.

E porque as excepcionais qualidades d'este dintinto coestadano são provas incontestes de seu valor o Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas mais uma vez con-

“Lingua Portuguesa, o idioma do meu país.

Silencioso e atraente, continuou o agradável serão em familia.”

Yara de Barros Machado

Internato do Colégio Santa Catarina.

Petrópolis.

5/7/42.

fiou-lhe o elevado posto de Presidente do Conselho Nacional do Trabalho, cargo que, como os outros, vai encontrar em o Major Felinto Müller um denodado, militar, culto jurídico, impoluto cidadão.

Nossos parabens.

Nossas congratulações. Nossos votos de duradoura felicidade e profícua gestão.



Dr. Francisco de Arruda

Lôbo Filho

A 10 do corrente passou-se a data do aniversário natalício do Dr. Francisco de Arruda Lôbo Filho, íntegro Juiz de Direito da Comarca de Poconé.

Dr. Lobo possuidor de ótimas qualidades morais e intelectuais é geralmente estimado em sua comarca onde, em qualquer empreendimento se faz sentir a sua ação construtiva e eficaz.

Nossos parabens.



Professor Fernando de Campos

Ha méritos que não podem ser reunidos em uma ligeira notícia como a nossa.

Tais e do Professor Fernando de Campos, cujo aniversário natalício passou-se a 19 do corrente.

Cientista de valor fez da Matemática o objeto principal de suas atividades intelectivas quer como professor de mérito quer

formando professores competentes.

De uma cultura intelectual vastíssima, o Professor Fernando de Campos é um guia seguro dos estudiosos que jamais sairão insatisfeitos quando buscarem agua cristalina de seus profundo conhecimentos.

Mas, não é só o ser Mestre sues qualificativos notáveis.

Esposo e pai amantissimo, amigo sincero e leal, faz jús ao respeito, à consideração de todos, à homenagem coletiva de seus coestadoanos muito embora fuja delas em consequência de sua injustificável modestia.

«A Violeta» reafirma seus cumprimentos ao distinto e benemérito Professor Fernando de Campos, extensivos a sua dígua e virtuosa esposa D. Augusta Leite de Campos, nossa querida consócia.



D. Francisco de Aquino Corrêa

A 22 do corrente S. Excia. Revma. o Snr. D. Francisco de Aquino Corrêa DD. Arcebispo desta arquidiocese, pelo avião do Cruzeiro do Sul, deixou esta Capital com destino ao Rio de Janeiro onde tratará do interesses que se prendem a seu zelo apostólico, e para Mariana, Minas, onde assistirá as comemorações do jubileu sacerdotal de D. Helvécio Gomes de Oliveira.

Desejamos ao carissimo e bondoso Pastor muitas felicidades e pronto regresso ao seio de suas caras ovelhas

Grêmio Literário Machado de Assis

Da Senhorinha Prescilla Cândida Soares recebemos comunicação de no dia 22 de Junho p. p. haver sido instalado no Ginásio Campograndense, à avenida Afonso Pena, n. 745, o Grêmio Literário «Machado de Assis» com a seguinte diretoria:

Presidente de honra — Rafael Gioia Martins;

Presidente — José Pereira Lins;

Vice-Presidente — Eduardo Fráia;

1.º Tesoureiro — Dionísio Pujol;

2.ª Tesoureira — Berenice dos Santos;

1.ª Secretária — Prescilla Cândida Soares;

2.ª Secretária — Mary de Oliveira Mello;

Oradora — Ivonete Chaves e Sá;

Bibliotecário — Jurandy Enes;

Conselho Consultivo — Antônio Eustáquio, Maria Edina de Moura Ferraz, Elza de Freitas Orempuller, Antônio de Arruda Brandão, Walter Cesário da Silva.

Diretora artística — D. Lili Medeiros Neves.

Gratas pela gentileza cumprimentamos a distinta Diretoria cordialmente.



Professora Ana Leite de Figueiredo

A 27 do corrente passou-se a data natalícia da ilustrada e

competente Professora Ana Leite de Figueiredo.

Temos a honra de apresentar a inteligente coestadoana nos cordiais cumprimentos.



D. Bernadina Rich

O Grêmio Literário Júlia Lopes prestou a 19 do corrente, homenagem a saudosa sócia D. Bernadina Rich mandando celebrar missa pela sua alma no Santuário de Maria Auxiliadora.

Na Capela do Cemitério de N. S. da Piedade houve também missa mandada celebrar pela sua filha adotiva Etelvina Rodrigues.

Amigos e admiradores da grande morte estiveram em homenagem visitando seu túmulo tendo usado da palavra em notável e bela oração o Snr. Tte. Coronel Eudoro Corrêa DD. Comandante do 16 B. C.

Sobre o túmulo da sempre lembrada Consócia e amiga uma braçada de flores de nossa eterna saudade.

D. Nair Barbosa Cuiabano

Faleceu nesta Capital a 10 do corrente nossa, estimada consócia D. Nair Barbosa Cuiabano virtuosa esposa do Snr. Professor Ulisses Cuiabano.

A morte prematura da distinta Snra. verificou-se após ligeira enfermidade.

Apresentamos ao Prof. Ulis-

ses Cuiabano e demais parentes da extinta nossos pêsames.



D. Rosa de Campos Póvoas

A 22 do corrente faleceu na Capital Federal onde ha longos anos vem residindo a Exma. Snra. D. Rosa de Campos Póvoas. A extinta, nossa digna coestadoana era Professora aposentada. Em quasi tres lustros exerceu o magistério primário nesta Capital com proficiência e dedicação raras.

Seguiu para a Capital Federal em companhia de seu esposo e filho — o inteligente acadêmico Lenine Póvoas e foi lá que a morte, em seu golpe doloroso e fatal, levou-a para a Eternidade.

Acompanhando a dor que enluta a distinta Família a qual pertencia D. Rosa Póvoas enviamos as nossas condolências que se tornam de um modo todo particular aos Professores Nilo Póvoas, Fernando de Campos e acadêmico Lenine Póvoas, feridos pela incomparavel dor da perda de tão carinhosa esposa, irmã e mãe.

Que Deus a tenha recebido em sua graça conforme a promessa de Jesus aos que viverem de sua fé e exemplo, como foi a D. Rosa Póvoas, cuja morte pranteamos.

Conselho do dia

Cuspir é um vicio.

Cuspir ou escarrar no chão é um atentado a saúde. O escarro é veículo de micróbios por vezes mortiferos como os Tuberculos.

S. P. E. S.

CUIDADO QUE O TUBERCULOSO DEVE TER

1. Não escarrar no chão, nem nos arredores da cama e sim nas escarradeiras ou nas latrinas.

2. — Não provocar tosse, nem tossir inutilmente.

3. — Não dar beijo nos outros, principalmente nas crianças, e na face.

4. — Despejar as escarradeiras nas latrinas e lava-las com cuidado; os lenços e outras roupas sujas de escarro, mergulhar em água fervendo ou numa solução desinfetante, durante 12 horas antes de mandar para a lavadeira.

5. — Manter o quarto e a casa arejada, e com iluminação abundante.

6. — Manter o quarto e a casa em ordem e em asseio, limpando se sem levantar poeira.

7. — Quando tossir ou espirrar, pôr o lenço diante da boca.

8. — Usar louça, utensilios e roupa de mesa separados.

9. — Dormir sosinho.

S. P. E. S.